

O “Fazedor de Sobral”: reflexões sobre o espaço literário em Lustosa da Costa (1942-2012)

The “Sobral maker”: reflections on the literary space in Lustosa da Costa (1942-2012)

Cid Morais Silveira

Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH – UFRN). Bolsista de doutorado da CAPES. Pesquisador vinculado ao Corpus: grupo de estudos e pesquisas em história dos corpos e das sensibilidades (UFRN/UEPB).

Resumo: Neste artigo, busco revistar a obra do escritor Lustosa da Costa na tentativa de compreender a formação e a constituição de sua literatura. A partir de uma crítica ao conceito de espaço literário proposto por Maurice Blanchot, desejo pensar sobre a formação do nome do autor e do espaço da obra em Lustosa da Costa, tomando como metodologia a historicização literária. Espero, a partir deste breve texto, chamar atenção para a potencialidade da obra e do autor Lustosa da Costa, escritor que tem sido colocado à margem pela crítica literária e pela historiografia brasileira.
Palavras-chave: Lustosa da Costa; espaço literário; formação discursiva; saudade; Sobral.

Abstract: In this article, I try to search the work of the writer Lustosa da Costa in an attempt to understand the formation and constitution of his literature. Based on a critique of the concept of literary space proposed by Maurice Blanchot, I wish to think about the formation of the author’s name and the space of the work in Lustosa da Costa, using literary historicization as a methodology. I hope, from this brief text, to draw attention to the potential of the work and the author Lustosa da Costa, a writer who has been put on the sidelines by literary criticism and brazilian historiography.
Keywords: Lustosa da Costa; literary space; discursive formation; missing; Sobral.

Introdução ou a emergência da separação

No dia 13 de janeiro de 2012, de manhã logo cedo, Lustosa da Costa tomava um gole de café puro e preto no Café Jaibaras, localizado em uma das entradas do Beco do Cotovelo, um dos espaços mais emblemáticos de Sobral, cidade localizada no sertão cearense. O Café Jaibaras é um espaço pequeno, com cerca de 20m², onde um público cativo de jornalistas, poetas, aposentados, radialistas, escritores, publicitários, políticos, comerciantes e artistas se reúnem para

tomar café, ler e prostrar. Há um mural com fotografias de personagens famosos da história de Sobral e de jornais da cidade e do estado.

Acompanhado de uma equipe do jornal *Diário do Nordeste* e com um livro de contos de Jorge Luís Borges debaixo do braço, Lustosa visitava a cidade depois de muito tempo para refazer o roteiro de sua infância e participar da inauguração de um jornal local. Depois de assinar, mais uma vez, o “Livro das Visitas Ilustres” com uma caneta azul emprestada de Expedito Vasconcelos, o dono do local, partiu com os jornalistas para perambular pelas ruas quentes, de pedra e asfalto, da cidade que nunca esqueceu.

No final do dia, nas imediações da Praça Francisco Monte, um Lustosa da Costa já cansado desabou em um banco de madeira e começou a falar sobre sua vida, sua obra e sua devoção por Sobral. Perguntado pelo jornalista sobre seu próximo livro, em comemoração ao trigésimo aniversário de seu clássico “Sobral do Meu Tempo” (COSTA, 1982), Lustosa da Costa argumentou que:

Tem algumas correções. Algumas coisas que saíram imperfeitas. Mas o que eu quero mostrar é que há 30 anos eu me inaugurei como cronista oficial em Sobral. Primeiro cronista exclusivamente de Sobral. Tem um amigo meu que diz que essa minha ligação com Sobral não é tão forte assim. É que eu tenho saudade é do menino, do rapaz que fui em Sobral. Daí eu está rememorando todo tempo. Estava dizendo para meus amigos como eu estava sentindo falta de Sobral (DIÁRIO DO NORDESTE, 2012).

Nascido em Cajazeiras, na Paraíba, em 10 de setembro de 1938, Francisco José Lustosa da Costa foi jornalista, escritor, editor, professor universitário e imortal por duas academias literárias: Academia Brasiliense de Letras e Academia Sobralenses de Estudos e Letras. Advogado de formação e jornalista profissional desde 1954, foi editor-chefe dos jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*, colunista do *Diário do Nordeste* durante 27 anos, além de ter trabalhado como correspondente e repórter político em jornais do Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Publicou vinte e oito livros, dois deles com edição portuguesa, e foi vencedor do Prêmio Ideal de Literatura em 1999, com o livro de crônicas “Rache o Procópio” (COSTA, 1998).

Neste artigo, a proposta que lanço é a de conhecer um pouco mais sobre o espaço literário em Lustosa da Costa. Portanto, este artigo é uma pergunta ao nome do autor e ao nome da obra. Como ele se afirmou como autor e sobre o que escreveu? Como progressivamente construiu uma autoridade textual sob o nome Lustosa da Costa? De que maneira uma cidade cruzou seu caminho, ou ele cruzou o caminho da cidade, e essa relação possibilitou, em grande medida, sua existência como autor?

Georges Perec lembrou que “o espaço é uma dúvida”. É preciso marcá-lo, alcançá-lo, conquistá-lo, pois “ele nunca me é dado”. Ao mesmo tempo, ele também afirma que “os espaços são frágeis [...], o espaço se esvaia como a areia que corre entre os dedos”. O tempo vai desgastá-lo, destruí-lo. Como então, no momento de sua experiência como autor, como “primeiro cronista exclusivo de Sobral”, e através do ato de escrever sobre essa cidade ausente, essa cidade perdida e da partida, Lustosa da Costa procurou (re)significar e fazer sobreviver alguma coisa do espaço

que praticou e do lugar que construiu para si? Como o personagem deste artigo deixou “em algum lugar uma marca, um traço, um risco, ou alguns sinais”? (PEREC, 2001: 139-140)

Ao falar em espaço literário, é inevitável não pensar nas reflexões do filósofo francês Maurice Blanchot, notadamente presentes na obra “O espaço literário” (BLANCHOT, 2011). Qual a noção então de espaço, articulado à dimensão literária, para Blanchot? Do que se trata esse espaço literário? É possível pensar o espaço literário em Blanchot como uma dimensão do imaginário, um espaço poético, um espaço da obra, a constituição de uma literatura. A obra, esse elemento fundamental do espaço literário que, para Blanchot, emerge como um elemento que desagrega, que faz desaparecer o autor e faz com que ele perca o controle de sua criação e se ofereça à morte. O espaço literário é assim o espaço da obra, o lugar da negatividade, da incerteza, da inquietude, do conflito.

Para Blanchot, a literatura ou o que se produz no espaço literário, seria então aquilo que restava aos homens e mulheres de falar sobre o que não podiam, ou não conseguiam, compreender. A partir de uma postura radical, Blanchot admite o fato de que a literatura seria a arte de comunicar o que não pode ser dito, de expressar o vazio da linguagem. Porque justamente para existir, a literatura deveria se afastar da linguagem ordinária, das formas de ver e dizer cotidianas. Para Blanchot, a literatura se manifesta na autonomia da palavra poética, no afastamento das coisas do mundo.

No entanto, minha postura diante do espaço literário, neste artigo, será diferente da leitura blanchotiana. Se em Maurice Blanchot temos uma espécie de sacralização da literatura, como uma “coisa” fora do mundo, deslocada da realidade, chamo aqui a atenção para uma abordagem profana da literatura. Tratarei aqui de mostrar a obra de Lustosa da Costa como uma produção mundana, historicamente e espacialmente localizada. Respeitando as especificidades da literatura enquanto campo de saber, meu desejo é trazê-la ao mundo, e não afastá-la. Como historiador, minha pretensão é compreender e questionar a literatura como discurso, ou seja, como uma prática social e historicamente localizada, como um produto histórico, um monumento forjado em dado momento da história, a partir de condições de possibilidade de emergência específicas.

Não se trata de negligenciar a importante reflexão de Blanchot, muito menos de “submeter a literatura a um julgamento que a humilha em nome da história” (BLANCHOT, 2005: 289), afinal, “literatura e história não podem traçar fronteiras quietas, mas sim encruzilhadas estranhas” (REZENDE, 2010: 138). O que desejo é perguntar à literatura de Lustosa o que nela há de história. Pensar desta forma nos permite compreender a literatura como discurso, como um fenômeno cultural que pode ser historicamente localizado, delimitado e rastreado a partir de suas condições históricas de emergência. Portanto, esta será minha estratégia para historicizar a produção escrita de Lustosa da Costa neste breve artigo: de um lado, traços de sua trajetória de vida, e do outro, os discursos que estruturaram e condicionaram a existência de sua produção.

Antes de finalizar essa introdução, é preciso fazer uma ressalva: a escrita deste artigo só foi possível porque houve uma separação. Uma desunião, sem briga e sem choro, que começou

numa cafeteria à tarde e terminou numa mesa de bar, vermelha, ao som de Noel Rosa cantando o desamor que começou nas festas de São João. Coincidentemente era junho e eu comia cuscuz. Entrei no curso de Doutorado do PPGH-UFRN com a intenção de estudar Lustosa da Costa, mas o paraibano de Sobral não contava que eu reencontraria Teixeira de Pascoaes, o poeta da minha infância, e dele me aproximaria novamente, e desta vez para pesquisá-lo. Perdão, Lustosa. Tive que partir e atravessar o Atlântico, como muitas vezes tu fizestes.

A formação do nome, entre o discurso e a singularidade

Como Francisco José Lustosa da Costa se tornou Lustosa da Costa?

O filósofo Michel Foucault defendeu, em um ensaio ousado, que o nome do autor não funciona como outros nomes. Em 1969, um ano após o polêmico texto “A morte do autor” (BARTHES, 2004), Foucault procurou renovar o entendimento deste conceito em uma conferência importante, que depois se tornou o texto “O que é um autor?” (FOUCAULT, 1992). Ao contrário de Barthes, para Foucault a “morte do autor” não ocorreu, mas foram as noções de obra e escrita que acabaram por preencher esse suposto espaço vazio deixado pelo autor. Ou seja, para Foucault, o nome do autor não está localizado nem no registro civil e muito menos na ficção, mas na ruptura, na quebra, que se estabelece entre o discurso e a singularidade. Essa figura da ruptura foi chamada pelo crítico literário português Abel Barros Baptista, na esteira de Derrida, de “assinatura” (BAPTISTA, 2003). Portanto, para se entender a formação do nome “Lustosa da Costa”, eu chamo aqui atenção para análise, mesmo que breve, de dois pontos de reflexão importantes: o discurso e a singularidade. Começemos pelo discurso.

Lustosa, ainda menino, chegou em Sobral em 17 de setembro de 1942, na boleia do caminhão do “seu” Tibúrcio Lima. Com apenas quatro anos de idade, há algum tempo vivia no caminho. A viagem começou em Cajazeiras, na Paraíba, a cidade que o viu nascer, se estendeu a Fortaleza e terminou em Sobral. O primeiro lugar onde iria morar não poderia ser mais emblemático: o casarão do Bispo Conde de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota. Lustosa fala sobre sua primeira casa em Sobral, seus pais e dos movimentos em torno dela:

Morei em um sobrado que hoje abriga o Museu Diocesano. Tinha cerca de quarenta janelas imensas e, como todos os casarões, fama de mal-assombrado. [...] De suas janelas assisti a muitas procissões. Nas varandas eram colocadas toalhas amarelas, visual até hoje retido em minha memória. No velho sobradão eram representadas peças do Grupo Cênico Sobralense. Meu pai integrava o corpo de dirigentes. [...] Minha casa era fartamente visitada pelos padres, inclusive ude-nistas do clero, de modo que fui educado ouvindo fuxicos de sacristia. Sempre que apareciam, estendiam-se no papo. Mamãe, logo cabeceava de sono, mal escorada em sua cadeira de balanço. Meu pai mandava servir água e café à padrecada, interessado em enfronhar-se nos mexericos da Igreja. A coisa ia a tal ponto, que o Dr. José Sabóia, chamava papai de “Mosenhor Costa”. [...] Meu pai, por seu lado, mantinha estreitas ligações com o clero, com a Ação Católica e com a Congregação Mariana. [...] Minha mãe possuía uma letra que constituía o sucesso na cidade, por seu rigor com o vernáculo. Trazia ela, em sua bagagem cultural, de Cajazeiras, o título de fundadora da revista *Flor de Liz*. Por outro lado, meu pai, Francisco Ferreira da Costa, foi durante anos

editor de *O Reino de Cristo*, boletim mensal da Congregação Mariana e ressuscitador da Academia Sobralense de Estudos e Letras, em 1943. [...] Já Dom José liderava a cidade praticamente construída por ele. Rico, exigia que lhe beijássemos, em meia genuflexão, o anel episcopal e assinava-se Conde de Sobral. Era a sombra tutelar do PSD. O partido era formalmente comandado por Chico Monte, fazendeiro, machão, respeitado e temido. [...] Essa a atmosfera de sacristia de congregados marianos e de intrigas paroquiais em que fui criado. (COSTA, 1982: 51-69)

Assim foi criado o menino Lustosa da Costa, entre a política e a Igreja, ou a política da Igreja. O fato é que, no interior dessa “atmosfera de sacristia de congregados marianos e de intrigas paroquiais”, em torno do “velho sobradão”, Lustosa começou a escrever. Sua mãe e seu pai, que faziam parte de uma rede de intelectuais, que foram editores de jornal e revista, puderam oferecer-lhe o capital cultural necessário para que Lustosa pudesse ler, desde Aldous Huxley até Gilberto Freyre, e então “sondar o verso”. Se Maurice Blanchot afirmou que, falando de Kafka, “alguém põe-se a escrever, determinado pelo desespero” (BLANCHOT, 2011: 51), Lustosa sempre deixou claro que nasceu pra escrever, “e se não escrevesse entupiria, como diz Manuel Bandeira”. No entanto, o “saber escrever”, problema também relatado por Blanchot em Kafka, está intimamente ligado ao “para quem escrever”, o grande obstáculo para o início dos escritos de Lustosa, que escrevia “para nada, para ninguém. Não era conhecido. Não havia jornal que abrigasse minha prosa juvenil” (COSTA, 2003: 123).

Esse sentimento de “furor para escrever”, que não deixa de ser um ato desesperado, era aliviado nas páginas de seu diário, onde escrevia para si, onde “falava de padres, igrejas, missas e campanha eleitoral” (COSTA, 1982: 67). O fato é que, os temas “Igreja” e “Política” estruturaram a literatura de Lustosa da Costa, seja nas memórias, nas crônicas miúdas ou na ficção. Esses temas, no entanto, não são inocentes ou frutos do acaso. Se consideramos a literatura um discurso, e a obra de Lustosa da Costa não escapa disso, havia uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008) que possibilitava sua existência e sua circulação. Chamo a formação discursiva na qual Lustosa da Costa estava inserido, mesmo não sendo um clérigo, de “historiografia clerical sobralense”, porque foi a partir desse tema que um conjunto de discursos, de enunciados, de imagens, de livros, textos em jornais e revistas, e muitas outras produções que procuravam verticalizar suas narrativas sobre o passado e a suposta “nobreza” de Sobral, nasceram e puderam circular. Sobre essa questão, o historiador Denis Melo afirma que:

[...] os autores, a grande maioria “padres-historiadores”, e suas obras, são apresentadas e “consideradas como fundamentos da história local, “certidões de autenticidade” das supostas “origens nobres” e intelectuais de Sobral, ao mesmo tempo em que os apresentadores dos livros legitimam os seus autores, legitimando ao mesmo tempo a história que escrevem e o lugar desses autores social e culturalmente. Nesse sentido, o passado é certamente o vértice de praticamente todas as discussões relativas a História de Sobral perpetrada por esses autores que buscam desse modo a virtualidade da “fonte de uma cultura sofisticada e distinta”. Assim considerado, o passado transubstanciado, retomado, ou desejado, assume perspectivas de invenção à medida em que constantemente é entendido e sentido como alimento crucial para as faltas do presente. (MELO, 2013: 148-149)

A formação discursiva que chamo de “historiografia clerical sobralense”, emerge como um elemento histórico que precedeu a produção literária de Lustosa da Costa e possibilitou, em grande medida, a sua existência. Essa formação discursiva foi uma estância reguladora que estruturou grande parte das obras que tentaram construir uma narrativa, mesmo memorialística e autobiográfica, sobre o passado de Sobral durante o século XX. Além de estabelecer uma estreita relação entre Igreja e a cidade, essa formação discursiva, por meio dos padres-historiadores, memorialistas, jornalistas e intelectuais da ASEL, procurou construir discursivamente uma narrativa de origem nobre para a cidade de Sobral, a partir da invenção de uma genealogia e de uma tradição distintas, que supostamente vinha desde o período imperial. Segundo o historiador Denis Melo:

Uma visada rápida sobre esse tipo de produção nos indica que praticamente toda a produção do jornalista e memorialista Lustosa da Costa consta de notas genealógicas. O historiador Sadoc de Araújo também enveredou por esse caminho, e os livros *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*, *Origem da cultura sobralense* e *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*, são um bom exemplo. Parte significativa da obra do padre João Mendes Lira também é genealógica, caso do livro sobre os *Traços Biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*, *Homens e vultos de Sobral*, de Monsenhor Vicente Martins. Outras obras como *Relíquias de uma vida*, de Expedito Gerardo de Vasconcelos, *A família Sanford no Ceará*, de Paulo de Almeida Sanford, *Laços de família – os Vianas e os Demétrio*, de Yolanda Viana Demétrio, *Sociedade Sobralense – vultos em destaque*, de Arnaud de Holanda Cavalcante, *Sobral, minha família, minha vida*, de Raimundo Monte Frota, *Genealogia Sobralense – os Gomes Parente*, em cinco volumes, de Francisco de Assis Vasconcelos Arruda, *Os Arrudas e os Ferreira da Ponte*, também de Assis Vasconcelos Arruda, *Aguiar, de praia, cidade e sertão*, de José Maria Aguiar, entre outras obras, testemunham a predileção por obras dessas natureza na historiografia e memorialística local. (MELO, 2013: 220)

É preciso, portanto, pensar a formação do nome, do autor Lustosa da Costa, articulando-a com uma série de outros textos e livros que emergiram a partir do que considero como o discurso inaugural da formação discursiva “historiografia clerical sobralense”: o texto chamado “Notas históricas da cidade de Sobral”, publicado pelo padre Fortunato Alves Linhares na *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, em 1922 (LINHARES, 1922). Lustosa da Costa se aproximou tanto da obra desses “padres-historiadores”, seja como fonte ou reverência, que fez com que ele fosse, mais tarde, questionado por seus leitores e críticos, sobre qual deveria ser seu lugar de autor: “seria Lustosa da Costa também um historiador?”. Lustosa procurou responder a essa pergunta na introdução de um de seus livros, afirmando o seguinte:

Não sou historiador. Historiador foi Monsenhor Linhares, o velho e iluminado cego da Rua da Aurora, hoje Domingos Olímpio. Foi Dom José, muito embora seja obra escrita inferior à gigantesca obra social, arquitetônica, educacional que nos legou. E, ainda o Padre João Mendes Lira que recheou seus livros de documentos preciosos. Grande historiador é o Padre Sadoc, Francisco Sadoc de Araújo, que, ao lado de formação superior excelente, adquirida aqui e no exterior, é pesquisador criterioso e cuidadoso dos fatos de nosso passado. (COSTA, 2010: 19)

No trecho acima, Lustosa da Costa cita os principais responsáveis, os principais autores, os intelectuais considerados iniciadores ou instauradores de práticas discursivas em Sobral, que tanto produziram suas próprias obras quanto admitiram a possibilidade de emergência de outros textos, todos dentro de uma mesma formação discursiva. Por isso mesmo chamo atenção para a necessidade de se historicizar essa formação discursiva, pois essa operação concede a oportunidade de estudar a “função autor” de Lustosa da Costa sem correr o risco de “exorcizá-lo, sem isolá-lo dos textos que se esgotam de dizê-lo”(CERTEAU, 2015: 22), como nos advertiu Michel de Certeau. Em seu livro mais famoso, “Sobral do meu tempo”, Lustosa da Costa fez questão de colocar uma foto emblemática, onde aparece o autor do discurso inaugurador dessa formação discursiva, o padre Fortunato Alves Linhares, entregando um cálice a um dos grandes personagens de seus muitos livros, o também considerado por ele “padre-historiador”, Dom José Tupinambá da Frota.

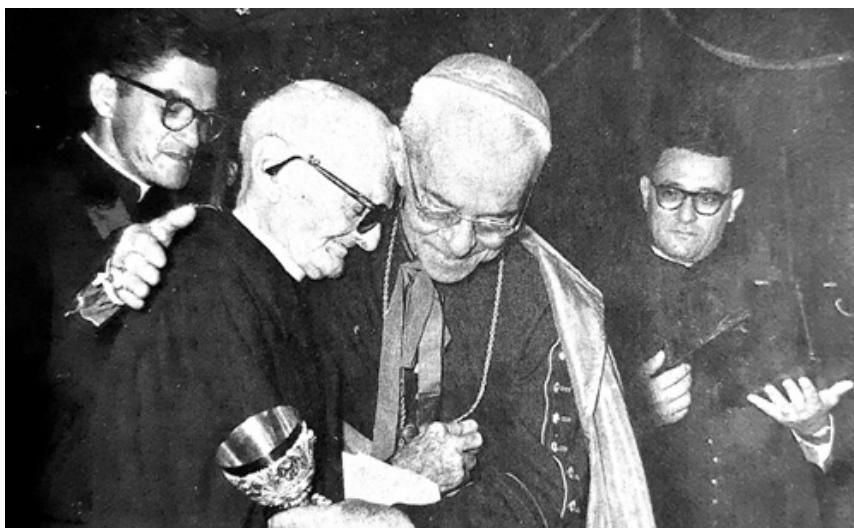


Figura 1: Monsenhor Linhares, Dom José e o cálice. Fonte: COSTA, 1982.

Se a formação discursiva da “historiografia clerical sobralense” moldou as principais produções, as mais influentes obras sobre a história de Sobral, e que se confunde com uma história eclesiástica de Sobral, uma narrativa que associa Igreja e cidade, ao longo de todo o século XX, Lustosa da Costa não ficaria fora, não seria um personagem à margem das relações de poder e saber que ocorriam na cidade. Há em torno dessas obras, notadamente em suas apresentações, uma “simbiose sutil entre quem escreve, o que se escreve e sobre o que se escreve” (MELO, 2013: 149).

A fotografia acima, presente no principal livro do “primeiro cronista exclusivo de Sobral”, é muito representativa e nos permite pensar no que há de fabular e de místico nesses discursos. Na foto, Dom José recebe um cálice e um abraço de Monsenhor Linhares, considerado um dos “fundadores de Sobral”. Seu gesto de fundação, no entanto, não está ligado à divisão da terra, mas à escrita, à obra que produziu. Na imagem temos a sutil impressão de uma passagem de tempo, a passagem do cálice, esse objeto que serve justamente para o ato de consagrar, de

transubstanciar. Monsenhor Linhares transfere a missão de continuar a consagração de Sobral, ou a história de Sobral, para Dom José. Segundo Denis Melo, “Monsenhor Linhares é facilmente cotejado à própria cidade de Sobral, e Dom José assume por seu turno o “espírito da cidade de Sobral”, a ponto de ser considerado o seu “segundo fundador” (MELO, 2013: 149). Há na fotografia dois personagens centrais, constantemente transformados, seja pela historiografia ou pela memorialística, em mitos. Portanto, nada mais justo ambos estarem presentes na principal obra de Lustosa da Costa, afinal, segundo ele, “como todas as cidades, Sobral tinha seus mitos e a todos eu reverenciava” (COSTA, 1982: 79).

O segundo ponto para o qual desejo chamar atenção é a singularidade. Ao afirmar que foi o “primeiro cronista exclusivo de Sobral”, Lustosa da Costa procurou inventar um lugar de distinção e de referência para si como autor, procurando deixar de lado toda uma tradição de intelectuais-cronistas forjada nos espaços da Academia Sobralense de Estudos e Letras na primeira metade do século XX. Nomes como Paulo Aragão, João Ribeiro Ramos e Arsênio da Cruz Flexa. O que então difere Lustosa da Costa de outros autores, em especial, de outros tantos cronistas sobralenses, a ponto de ser considerado “primeiro cronista exclusivo de Sobral”? Duas respostas possíveis podem ser dadas sobre essa questão: a primeira tem relação com a cuidadosa constituição de sua fortuna crítica. Era preciso deixar claro que Lustosa era lido e elogiado por grandes nomes do mundo literário, editorial e político.

Em todas as suas obras impressas, Lustosa da Costa fez questão de deixar claro quem eram seus leitores e seus críticos mais ilustres. Há um espaço em cada livro para fragmentos de cartas, trechos de correspondências, fotografias e textos elogiosos de autores já consagrados no campo literário brasileiro e mundial, intelectuais, editores famosos e políticos influentes. A lista é extensa e tem um lugar cativo em quase todos os seus livros. Um de seus biógrafos, Cherlanyo Barros, traz no apêndice de seu trabalho, informações sobre os “leitores ilustres do Lustosa”, inclusive com trechos de correspondências entre autor e leitores. Aparecem os nomes de Jânio Quadros, José Sarney, Mário Soares, Alice Raillard, Ivan Junqueira, Jorge Amado, José Saramago, Claude Lévi-Strauss, Mía Couto, Blanchard Girão e Paulo Elpídio Neto (BARROS, 2008).

Caro Lustosa,
 Para aqui pelo novo livro.
 Infelizmente nas porturas estas
 no lançamento de livros por isso
 por que nesse dia estava em sala-
 manca, no Juri do Prémio Raula
 Copa de Poeta Iberoamericana, e
 também no doutoramento. Ainda
 com o Geonper de 1992. De todo
 modo espero que nos encontremos
 em Lisboa, antes dos jureiros, Di. Le
 e eu, um primário dos de Junho.
 Sem saudades a Vitoria e
 um pouco abraço de
 amigos certos
 6-1-2002 José Saramago

Figura 2: Carta de José Saramago a Lustosa da Costa, parabenizando-o pela publicação de seu romance Vida, paixão e morte de Etelvino Soares. Fonte: BARROS, 2008.

A segunda questão que alimenta a singularidade do autor Lustosa da Costa tem relação com o tema central de sua produção, das crônicas aos romances: a cidade de Sobral, a cidade que se fez saudade, a cidade que se fez partida e retorno, a cidade que, em sua literatura, se fez eternidade perdida.

O escritor com problema edipiano e a cidade-saudade

Lustosa da Costa costumava dizer que a idade avançada era uma grande chatice e ele não recomendava a ninguém. De um lado, havia a proximidade da morte, essa fatalidade histórica da qual ninguém escapa. Segundo, havia a visita constante aos médicos e profissionais da saúde, justamente para postergar a visita indesejada daquela que o levaria para o mesmo destino de Brás Cubas. Continuará ele sendo um autor defunto ou um defunto autor? Procurava, é bem verdade, não pensar muito sobre isso.

Um desses profissionais da saúde era o psicanalista paulista Cláudio Castelo, onde o velho Lustosa o visitava para deitar em seu divã e falar sobre a vida. Foi de Cláudio Castelo que Lustosa ouviu um diagnóstico curioso de sua relação com Sobral: um problema edipiano não resolvido. Lustosa pensou muito sobre isso, especialmente quando descia a Avenida da Liberdade, em Lisboa, rumo ao Hotel Tivoli, nas companhias de José Saramago e Germano de Almeida. O sentimento era latente: “só queria que os sobralenses me vissem, soubessem dos amigos que conquistei. Fiquei pensando no diagnóstico. Será por que era lá menino encabulado, tímido a mais não poder, sem namorada e sem prestígio, e queria que os conterrâneos vissem que melhorarei? Vou consultar o especialista” (COSTA, 2003: 170).

Complexo de Édipo mal resolvido ou não, o fato é que Lustosa da Costa não escreveu sobre qualquer lugar em qualquer tempo. Ele escreveu, em grande parte de sua obra, sobre o passado de Sobral, notadamente a partir da década de 1940. Sobral, uma cidade onde a historiografia e a produção memorialística local fabricaram e alimentaram a narrativa de que ela nascera enobrecida, distinta e intelectual. Lustosa teceu uma memória histórica amparada no passado dos que seriam os “grandes vultos de Sobral”, e de outros personagens considerados “heróis fundadores” da cidade. Podemos citar como exemplo um de seus livros onde ele procura traçar o perfil de alguns personagens importantes da história de Sobral (COSTA, 1987). Apenas como exercício de explicação e não de comparação, Lustosa parece ter certa semelhança a um conjunto de autores que descrevem com riqueza e sensibilidade as cidades reais, de uma forma a parecerem únicas. Lembramos aqui, só para citar alguns, do mundo urbano moderno e admirado presente na Paris de Charles Baudelaire (BAUDELAIRE, 2014); a intensidade da Sevilha de João Cabral de Melo Neto (MELO NETO, 2011); o Recife histórico e sentimental de Gilberto Freyre (FREYRE, 2007); a Dublin labiríntica de James Joyce (JOYCE, 2012), além claro, do caso de amor e de memória que Orhan Pamuk tem com sua cidade natal, Istambul (PAMUK, 2007).

Essa forma peculiar de narrar, de abordar, de tratar, de descrever a cidade por meio da escrita talvez tenha sido, no caso de Lustosa, decisiva para a sua afirmação como o “primeiro cronista exclusivo de Sobral”. Isso porque o cordão umbilical de Lustosa não pertencia a Sobral. Lustosa é paraibano, de Cajazeiras, e por mais que tenha utilizado a expressão “conterrâneos” em sua deambulação lisboeta, Lustosa nasceu longe de Sobral. Portanto, essa identificação, essa identidade de Lustosa como sujeito de Sobral, como cronista de Sobral, como cronista de uma cidade que não era, a depender do nascimento, sua, teve de ser construída e alimentada ao longo do tempo. Segundo o próprio Lustosa, ele era “cultural e sentimentalmente, sobralense” (COSTA, 1982: 72). Usando como ferramenta sua escrita, investiu pesado na construção desse lugar de sujeito, desse lugar afetivo. Mas afinal, quais são nossas cidades? É aquela que nos viu nascer, ou aquelas para quem declaramos afeto?

Lustosa procurou no cotidiano sobralense, na vida de seus habitantes mais famosos e em suas próprias memórias, o grande motivo para sua obra e um dever de vida. Lustosa aprofundou o papel da cidade de Sobral, a qual deixou de ser apenas um cenário geográfico para as tramas de sua memória ou de seus personagens, para se tornar a protagonista de seus livros. Na obra lustosiana, o espaço da cidade onde as narrativas ocorrem torna-se indissociável da sucessão de acontecimentos, seja em seus romances ou em suas crônicas. Os eventos narrados não poderiam ocorrer em outro tempo, de outra forma e, principalmente, em outro lugar. Portanto, parece pouco provável a existência do autor Lustosa da Costa sem a presença constante de Sobral, que lhe confere visibilidade e legitimidade.

Ao falar de visibilidade e legitimidade, estou querendo dizer que o seu lugar de autoria, esse lugar de construção e afirmação da autoridade textual de um indivíduo que se faz um autor, um lugar social de produção que possui uma historicidade que deve ser levada em considera-

ção, só foi possível através de sua relação afetiva com a cidade de Sobral, essa “cidade-saudade” que se fez protagonista em seus textos. Sobral foi o espaço que circunscreveu o universo da escrita de Lustosa, e quem desejar escrever a seu respeito deve levar isso em consideração. O próprio Lustosa da Costa, em entrevista a um de seus biógrafos, o adverte que “Sobral é o lugar que sempre está comigo, mesmo quando estou distante. Para escrever sobre mim, é preciso saber disso” (BARROS, 2008: 12).

A cidade de Sobral impulsionou e agitou o imaginário de Lustosa, marcando seu modo de ver, de sentir, de pensar e de ler o mundo ao seu redor. Lustosa da Costa construiu Sobral como um “espaço da saudade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), uma espacialidade guiada narrativamente em suas obras pelo sentimento da ausência, tanto pela saudade de seu passado de opulência, da presença de seus “grandes vultos” e personagens históricos, quanto da saudade e da lembrança do menino e do rapaz que ele foi em Sobral. Lustosa tinha medo da velhice, tinha medo do tempo que passa, e a cidade de Sobral era a responsável por despertar determinados sentimentos que se manifestavam constantemente em sua escrita: a saudade da infância e a dor da distância, espacial e temporal, de Sobral:

Sigo à procura de uma Sobral que só existe na minha saudade, de personagens que não mais frequentam seus espaços, porque envelheceram, não saem mais de casa. Não têm mais o que fazer ali. Insisto, porém, em encontrar a cidade perdida nos desvãos da minha memória. (BARROS, 2012: 111)

Infelizmente, há muito não vou a Sobral. Não tive mais chances de rever a terra que me viu crescer. Sim, Sobral, mais que cidade, é doce recordação que persiste em mim. Por tudo isso repito: Sobral não é só cidade, é uma lembrança que ouço chorar baixinho. (COSTA, 1982: 73)

Sobral então aparece muito mais como passado do que como presente na obra lustosiana. Aparece muito mais como lembrança do que como esquecimento. Aparece muito mais como uma entidade que se perdeu numa esquina de tempo, do que como uma materialidade que hoje se faz presença. Os seus personagens, seja na narrativa ficcional ou memorialística, há muito não sentem mais a quentura do sol na nuca. Se perderam, o corpo esmoreceu, envelheceu, definiu. Só restaram nomes, grafias sem rostos. Memórias em sépia. Sobral, na literatura de Lustosa, é muito mais partida do que chegada. E no momento que se fez chegada, o autor se fez partida.

Quando Lustosa deixou o Beco e mergulhou no rio

Quando estava relendo as obras do Lustosa, falei sobre elas com meu pai, na calçada de um bar aqui no interior do Ceará. Ele, todo satisfeito, disse que havia, há muito tempo, entrevistado o Lustosa da Costa em Sobral junto com meu avô, que na época alternava suas atividades de radialista e historiador. Só a primeira, no entanto, lhe reservou grande alegria, além de tristeza ao fim da vida. Curioso, perguntei onde ocorreu a prosa, e a resposta foi enfática: no Beco, claro.

O Beco do Cotovelo é um dos espaços mais emblemáticos de Sobral. Considerado o ponto de encontro da “intelligentsia sobralensis”, tem mais de 170 anos, cerca de 100 metros de comprimento e até um prefeito. Durante o percurso tortuoso de suas curvas, há muitos caminhos: se pode comer pastel com guaraná Delrio; ou caldo de cana; se pode visitar bancas de revistas e comprar o último número da Cult ou da Playboy, ambas escancaradas nas entradas do Beco; se pode visitar a livraria mais antiga de Sobral; se pode apostar a fortuna ou pagar boletos nas loterias; se pode observar a arte de rua, os malabaristas, os apostadores, os que procuram emprego, os que procuram comida; se pode ouvir poesia e música aos sábados pela manhã na Lanchonete Sobral; se pode tomar um pingado preto no Café Jaibaras; se pode ouvir histórias de trancoso, de política, de casamentos desfeitos e de amores perdidos; e, durante muito tempo, se podia encontrar o Lustosa da Costa. No entanto, em 03 de outubro de 2012, ele deixou de vez os passeios pelo Beco. Vítima de um arrasador câncer de pulmão, Lustosa deixou primeiro de escrever e, no mesmo dia, parou de respirar. Foi velado e cremado em Brasília, onde residia.

Lustosa sabia que não se podia escolher onde nascer, mas era possível pensar onde se queria morrer. Onde o corpo, ou os restos do corpo, as cinzas do corpo, repousariam. Cajazeiras? Fortaleza? Brasília? Lisboa? Paris? Que nada! O Lustosa já havia decidido voltar para Sobral, de onde parece nunca ter saído.

Foi então que no dia 11 de outubro, à tardinha, no pátio da Biblioteca Municipal Lustosa da Costa, a Prefeitura de Sobral e a Academia Sobralense de Estudos e Letras realizaram uma cerimônia de homenagem e despedida a Lustosa da Costa. A ASEL chamou o acontecimento de “sessão da saudade”. No final da solenidade de despedida, já com o sol também se despedindo do Lustosa, os seus filhos Carlos e Sara subiram em um bote do Corpo de Bombeiros e rumaram ao Rio Acaraú. Sob a regência da Banda de Música de Sobral e do maestro, suas cinzas foram lançadas no rio que banha a cidade.



Figura 3: Cinzas de Lustosa da Costa sendo lançadas no Rio Acaraú. Fotografia de D. Lobo.

Fonte: Jornal Sobral Agora, 2012.

Em dezembro de 2012, dois meses após a morte de Lustosa da Costa, o seu amigo escritor Edmilson Caminha, que já havia feito o prefácio do livro “No après-midi de nossas vidas” (COSTA, 1997), escreveu um longo texto de despedida em homenagem ao “Lustosinha”, no *Jornal da Associação Nacional dos Escritores*. Com um sentimento de incredulidade, chamou o texto de “Lustosa foi pra Sobral”:

Dizem que Lustosa da Costa morreu. Não acredito, acho que ele foi pra Sobral. Não apenas porque a família poeticamente lançou suas cinzas sobre as águas do Acaraú: se lhe fosse dado escolher o paraíso onde repousar para sempre, creio que elegeria não a Paris que também o fascinava, mas a terra cearense de que se fez filho por destino e bem-querer. A provar que o berço não é a cidade em que se nasce, mas a que se ama. (CAMINHA, 2012: 11)

Cid Gomes, à época governador do Ceará, declarou luto oficial de três dias e fez um pronunciamento sobre a morte de Lustosa da Costa. Disse, em comunicado oficial, que Sobral vê partir um eterno enamorado da terra natal e um fiel guardião de sua memória. Representante maior da inteligência sobralense, Lustosa conquistou respeito pela retidão de seu trabalho jornalístico e admiração pela riqueza da obra literária”. Foi justamente no trânsito entre o “trabalho jornalístico” e a “obra literária” que Lustosa se fez como escritor. Mas por que o nome Lustosa da Costa e sua obra ainda possuem um certo anonimato?

O escritor (in)visível, entre o jornalismo e a literatura

Antes de ler este artigo, o nome “Lustosa da Costa” dizia-lhe alguma coisa?

A pergunta que faço na abertura deste tópico insinua um contexto em que percebo a falta de familiaridade e a inacreditável condição de estrangeiro que Lustosa da Costa ainda possui nos estudos literários e historiográficos brasileiros. Este artigo também se transforma num apelo, numa afirmação da necessidade de se criar um espaço viável de discussão em torno do nome de Lustosa da Costa e de uma nova leitura de sua obra dentro da comunidade acadêmica. Surge então uma segunda pergunta: como Lustosa da Costa tem sido visto e trabalhado pelos historiadores?

É possível dizer que a grande maioria o aborda apenas de passagem, com citações vagas e reproduções de trechos de suas obras. São generalizações muito comuns, compreensíveis é verdade, mas que podem resultar numa perda significativa das particularidades da obra, seus processos de criação e invenção, das práticas de escrita que foram empregadas e que justificam sua emergência e pretensa distinção. Quem chega perto de uma análise um pouco mais situada da obra de Lustosa da Costa é o historiador Francisco Denis Melo, ao falar da produção dos intelectuais da Academia Sobralense de Letras, em um movimento que ele chamou de “transubstanciação do passado”. Outros historiadores só o abordaram ligeiramente, com breves citações. Compreensível, afinal Lustosa não era o protagonista em seus trabalhos. (ROCHA, 2017; SILVA, 2015; MELO, 2013)

Cabe aqui uma terceira e última pergunta: qual a razão desse desconhecimento da obra e do estrangeirismo em torno do nome de Lustosa da Costa nos estudos históricos e literários, notadamente em âmbito nacional? Duas hipóteses surgem para essa pergunta. A primeira é a de que Lustosa sempre permaneceu na fronteira entre o jornalismo e a literatura, experimentando uma série de condições provisórias de autoria, não permanecendo muito tempo em nenhuma delas. Ao estreitar como colunista no *Correio da Semana* e participar da organização, juntamente com Dorian Sampaio, de três edições do Anuário do Ceará, em 1971, 1972 e 1973, Lustosa ficou conhecido, a princípio, apenas como “jornalista”. Essa condição provisória de autoria, que ele carregou desde os anos iniciais de sua formação, só foi desconstruída quando ele se fez, também, “memorialista” e “romancista”, após a publicação de “Sobral do meu tempo” e “Vida, paixão e morte de Etelvino Soares” (COSTA, 1995), ambas as obras trazendo a cidade de Sobral e seus personagens, reais ou ficcionais, como tema central. O auge de sua invenção como autor se deu no momento do lançamento da segunda edição de “Sobral do meu tempo”, que ocorreu no ano de sua morte, quando foi reconhecido como “primeiro cronista exclusivo de Sobral”.

O fato é que, no momento em que se fazia “jornalista” no início da carreira profissional, condição que jamais abandonou totalmente, Lustosa via no desempenho desse papel um obstáculo para ser reconhecido como um verdadeiro literato, um homem das letras. A linguagem do jornal não eterniza. O escritor e amigo de Lustosa, Edmilson Caminha, acreditava que, “devido a elegância no estilo e a correção da forma”, Lustosa procurava sobrepor a condição de escritor ao fazer do jornalista. Era uma forma, segundo ele, de se salvar da efemeridade a que se condenam as matérias de jornais.

Porém, é preciso dizer que não conseguiu se salvar da efemeridade, porque não havia nascido com um “gênio dum Balzac” (COSTA, 1997: 88). Não era capaz de criar mundos, de fazer grandes obras. Só sabia falar de Sobral, e quando o fazia, era notadamente por meio da crônica, esse “gênero menor e, por isso mesmo, mais perto de nós” (CANDIDO, 2003: 89). Essa escrita de fronteira, entre jornalismo e literatura. O próprio Lustosa afirmou que a escolha pela crônica se deu porque não tinha talento e paciência para grandes obras. Era uma frustração que o ralava por dentro. Será que Maurice Blanchot diria que é neste ponto, assim como na metáfora do topógrafo, que reside a “culpa essencial” de Lustosa da Costa? Uma pergunta que ficará sem resposta. O que podemos dizer e concordar com Blanchot é que o “escritor pertence à obra, mas o que lhe pertence é somente um livro, um amontoado de páginas” (BLANCHOT, 2011: 13; 79-81). O escritor sente aí que a obra está inacabada e, portanto, sente insegurança. Foi o que sentiu Lustosa sobre sua atividade de romancista, reclamando que “não sou romancista, embora tenha escrito um romance. Um enfeitadinho de páginas que sofre penosa peregrinação. Temo por ele. Pelo vexame que me possa infligir. Por uma razão muito simples: sou um jornalista que nada cria, um ser incapaz de inventar” (COSTA, 1997: 88). No jornalismo e na efemeridade dos textos de jornais, Lustosa se sentia mais seguro do que no terreno movediço da literatura.

A segunda hipótese reside na singularidade da formação discursiva da qual Lustosa fazia parte. No processo de construção de sua autoria, de seu lugar como sujeito de Sobral e autor de

Sobral, Lustosa, em uma única frase, rejeitou qualquer característica em suas obras que remetesse a ideia do nacional: “não sou universal, sou apenas municipal” (COSTA, 2010: 13). Essa frase, cheia de retórica de chiste, diz respeito a forma como os discursos em torno do que chamei anteriormente de “historiografia clerical sobralense” eram produzidos. A intenção desses padres-historiadores e dos intelectuais da ASEL era criar, segundo Denis Melo, “uma identificação com a história local, e só depois com a história nacional. São esses homens municipais, intelectuais da ASEL que buscam em suas sessões ou reuniões, principalmente extraordinárias, cantar a sua aldeia, louvar sua terra de nascimento, ou sua terra de adoção, apesar das dificuldades” (MELO, 2013: 308). Isso fez com que Lustosa perdesse certa visibilidade no cânone literário de autores nacionais. Ao se declarar “apenas municipal”, que significava também apenas de Sobral, essa fidelidade literária cortou as asas do Lustosa. Ele se sentia insatisfeito com isso? Segundo ele não, afinal, sempre repetia que “era provinciano, um cara menor”. Seguiu, com uma modéstia duvidosa, “plantando minhas couves, sem voo nem dimensão de semear carvalhos” (COSTA, 1997: 87).

Conclusão ou a falta do cachorro engarrafado

Gostaria de finalizar este texto, que quase já está escapando de mim, lançando uma última reflexão que, propositadamente, não fiz no início. Por que chamei Lustosa de “o fazedor de Sobral”? Tenho duas respostas para essa pergunta. A primeira é que, esse título, é uma clara referência a uma obra do escritor argentino Jorge Luís Borges, de quem, inclusive, Lustosa era grande leitor. Parte da crítica em torno da obra “O fazedor” (BORGES, 2008), tem apontado que há dois sentidos em torno do uso da palavra “fazedor”. O primeiro é que, ao articular ficção e forma história, Borges chama atenção para que, quando alguém escreve, antes mesmo de descrever o que há no mundo, o “faz” acrescentando alguma coisa a ele, interferindo em sua existência. Ou seja, quem escreve acaba sempre mentindo. Se Lustosa se propôs a escrever sobre o passado de Sobral, em grande medida a partir de sua memorialística, em algum momento ele também foi mentiroso, ao tentar ser como Funes, um memorioso. Afinal, toda lembrança reconstrói um evento, um acontecimento, mas toda memória é ficção.

O segundo ponto é que todo escritor é como um ator que encena um texto de um outro ator. Ninguém nunca escreve sozinho, mesmo que todas as suas companhias, dentro daquilo que Blanchot chamou de “solidão essencial” (BLANCHOT, 2011: 9-27), sejam de pessoas que já morreram e apenas se fazem presentes na obra. O que procurei mostrar neste artigo foi justamente isso: não há nada de “essencial” na literatura de Lustosa, de um princípio originário, mas sim uma formação de discursos, de formas de escrever, de temas, de conceitos, de enunciados que seguem regras de enunciação. Essa “historiografia clerical sobralense” é um grande exemplo disso e Lustosa foi um de seus praticantes.

A segunda resposta que posso fornecer à pergunta que fiz no início dessa conclusão é que eu não fui a primeira pessoa a tratar Lustosa da Costa a partir deste termo. Assim também

o fez o poeta Juarez Leitão, grande amigo de Lustosa, em uma entrevista a Luiza Amorim, uma de suas biógrafas. Juarez Leitão utilizou este termo para falar da qualidade que Lustosa da Costa tinha de falar de Sobral como se fosse sobralense. Ou seja, ao “fazer” Sobral, Lustosa também se “fez”: sobralense.

Esse constante “fazer” foi também motivo de dor, saudade e ausência. Como escrever sobre uma cidade que a vida te tirou, levando-a para longe? Um destes momentos de saudade, talvez de Sobral, foi na descoberta da obra de um escritor açoriano, João de Melo, chamada “Dicionário de paixões” (MELO, 1994). Lustosa copiou a punho um capítulo inteiro sobre considerações edipianas sobre a mãe. O problema edipiano parece mesmo perseguir Lustosa. Enquanto copiava, ouvia músicas de seresta na voz de Francisco Petrônio e no violão de Dilermando Reis. Naquele momento sentiu prazer, um instante feliz. Para ser completo, segundo ele, “só me faltou mesmo o melhor amigo do homem, o cachorro engarrafado de que falava Vinícius, o *scotch*. Um dia ele volta. Aí, então, estarei a um passo do Paraíso” (COSTA, 1997: 90). Talvez a um passo de Sobral.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- BARROS, Cherlanyo. *Lustosa da Costa: uma biografia*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2008.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAUDELAIRE, Charles. *As fores do mal*. Rio de Janeiro: Estação das Letras, 2014.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- _____. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- BORGES, Jorge Luís. *O fazedor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- COSTA, Lustosa da. SAMPAIO, Dorian (orgs). *Anuário do Ceará*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1971-1973.
- COSTA, Lustosa da. *Sobral do meu tempo*. Brasília: Coleção Lima Barreto – Senado Federal, 1982.
- _____. *Rache o Procópio*. Fortaleza: Edições da Casa José de Alencar, 1998.

- _____. *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares*. São Paulo: Editora Maltese, 1995.
- _____. *Clero, nobreza e povo de Sobral*. Brasília: Senado Federal, 1987.
- _____. *Sobral que não esqueço*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.
- _____. *No aprè-midi de nossas vidas*. Fortaleza: Edições da Casa José de Alencar, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 1992.
- _____. *A arqueologia do saber*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1996.
- FREIRE, Diego José Fernandes. *Ao rés do chão: História e Literatura*. In: Revista de Teoria da História, ano 4, número 8 – UFG. 2012.
- FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 5ª edição. São Paulo: Global, 2007.
- JOYCE, James. *Ulysses*. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LINHARES, Fortunato Alves. *Notas Históricas da Cidade de Sobral*. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Tomo LV, abril de 1922.
- MELO, Francisco Denis. *Os intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – e a invenção da cidade letrada (1943-1973)*. Recife: Tese de Doutorado – PPGH UFPE. 2013.
- MELO, João de. *Dicionário de paixões*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- MELO NETO, João Cabral de. *Crime na calle relator; Sevilha andando*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- PAMUK, Orhan. *Istambul: memória e cidade*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PEREC, Georges. *Especies de espacios*. 2ª edição. Barcelona: Montesinos, 2001.
- ROCHA, Thiago Braga Teles da. *“De quem é Sobral?”: As práticas letradas, as tensões políticas e a luta pela Temporalidade na Igreja Católica (1945-1953)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.
- SILVA, Ana Carolina Rodrigues da. *Os sentidos do passado ou o passado sentido: mecanismos da memória nos escritos de Padre Mendes Lira*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

Submetido em: 30/09/2020
Aprovado em: 25/11/2020